

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER: Luís Fria
DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES: Carlos Fonce de Leon e Jadhil Brito
CONSELHO EDITORIAL: Fernando Diamant, Hélio Schwartman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pessio Arão, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luis Fria e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO: Gustavo Fatsu
DIRETORIA EXECUTIVA: Alexandre Bonacio (finanças, planejamento e novas negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Rêmez (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Balança recorde

Superávit comercial histórico de 2023 ajuda o país; governo deveria conter pendoros protecionistas

Há boas e más notícias no impressionante saldo comercial de 2023. Os bilhões registrados pelo Brasil em 2023. Os aspectos positivos devem superar os negativos, mas não por margem tão larga quanto a das exportações sobre as importações. Superávits comerciais não são necessariamente sinais de pujança econômica. Países bem-sucedidos têm déficits em suas balanças — e o exemplo mais notório é o dos Estados Unidos. A análise do indicador depende de sua composição e das circunstâncias.

No Brasil de hoje, o resultado é bem-vindo devido ao ingresso expressivo de dólares, que contribuiu para a queda da cotação do dólar e da inflação, e ao bom desempenho das exportações, sobretudo de produtos primários.

Mesmo com queda de 6,3% nos preços dos produtos vendidos, segundo dados do governo, o volume embarcado teve alta de 8,7%. Em termos nominais, as exportações e o superávit bateram recordes, mas o país já registrou cifras maiores com proporção do Produto Interno Bruto, ou seja, considerando o tamanho da economia. Os setores agropecuario e extrativo (petróleo e minério de ferro, principalmente) responderam pelo aumento dos embarques, com altas de 9% e 2,5%, respectivamente. O Brasil, como se sabe, é competitivo nesses commodities, mas os números anuais vari-

am muito de acordo com as flutuações do mercado global. Já indústria de transformação, que trabalha com produtos de maior valor agregado, sofreu queda de 2,3% e teve sua participação no total exportado reduzida a 52,2%.

O maior problema no saldo comercial do ano passado, entretanto, é que o recorde se deveu muito mais à queda das importações, de 11,7%, do que à alta das exportações, de apenas 1,7%. Menos compras do exterior costumam ser sinais de enfraquecimento da demanda doméstica, seja das famílias ou das empresas.

No caso brasileiro, houve alarmante queda dos investimentos nacionais, que recuaram de já insatisfatórios 18,3% do PIB para 16,6% entre os primeiros trimestres de 2022 e 2023 — especialistas apontam que o país deve alcançar uma taxa de no menos 25% para um crescimento sustentável. Parcela importante dessa rubrica são aquisições, por parte de empresas, de máquinas e equipamentos destinados à ampliação da capacidade produtiva.

Países devem buscar a ampliação do comércio exterior em todas as frentes, como meio de obter eficiência econômica e bem-estar social. O governo petista acertará se deixar de lado seus pendoros protecionistas e não promover retrocessos na precária abertura do Brasil ao restante do mundo.

Câmeras sem foco

Sem monitoramento e transparência, Tarcísio não pode atestar ineficácia do programa de segurança

"Qual é a efetividade da câmera corporal na segurança do cidadão? Nenhuma", declarou neste ano, sem apresentar maior fundamentação, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos).

Entre idas e vindas desde a campanha eleitoral, Tarcísio não abandonou a má vontade diante da inovação adotada em 2021 pela polícia paulista, cujos resultados, promissores, demandam mais estudos.

O impacto da tecnologia na redução das mortes nos batallhões em que foi implementada — que da de 85% na letalidade policial em 2021, comparada ao ano anterior — deve ser lido à luz de outras medidas adotadas no mesmo período. Entre elas, a expansão do uso de instrumentos não letais de força, como taser (armas de choque).

Mas a dificuldade de isolar a câmera de outros fatores não é argumento contra o uso da ferramenta. Justamente porque a segurança pública é um fenômeno multifatorial, a tecnologia deve ser integrada a uma gama de políticas de redução de mortes, e o seu uso precisa ser monitorado por estudos que avaliem o impacto da política.

Entretanto a administração de Tarcísio não só descontinuou, em setembro de 2023, estudo que avalia o uso de câmeras policiais, co-

mo também dificultou o acesso a dados que poderiam ajudar à análise.

Pesquisadores ouvidos pela Folha ressaltam que a PM não divulgou dados sobre as áreas patrulhadas por batallhões que usam câmeras nem os boletins de ocorrência dos agentes durante o expediente. Sem transparência, o governo não pode atestar ineficácia.

Os dados existentes caminham em direção contrária à fala do governador. A primeira parte do estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas nos batallhões com câmeras em 2022 revelou alta no registro de crimes em geral subnotificados, como violência doméstica (627%), e em apreensões de arma de fogo (74%), além de redução de mortes de policiais em serviço ao menor nível em 30 anos.

Mesmo assim, o governador segue no sentido de desmantelar a política. Segundo a Secretaria de Segurança Pública, em 2023 foram gastos R\$ 986 milhões em equipamentos para as polícias, além das câmeras. Mas Tarcísio cortou cerca de R\$ 26,2 milhões do programa que usa a tecnologia.

Câmeras corporais não são panacéia. Por isso, diretrizes sobre aplicação, armazenamento e controle são necessárias, além do monitoramento da eficácia da política.



Parabéns às drogas

Lygia Maria

Chegamos a 2024 e é preciso dar "parabéns às drogas, que, por mais um ano, venceram a guerra às drogas". O chiste, famoso nas redes sociais, expõe a acurácia de legislações sobre a falência da política global direcionada ao uso de substâncias psicoativas — algumas delas, claro, que outras são vendidas livremente ou a partir de receitas médicas.

Os humanos do futuro olharão para nossa relação com as drogas e vão perguntar como podemos ter sido tão estúpidos. Isso porque criamos o problema e persistimos nele. Alterar a própria consciência é um impeto ancestral do homo sapiens, que vai do vinho na Roma Antiga, do ayahuasca em rituais na Amazônia, passando pelo LSD dos hippies até o ecstasy em festas de música eletrônica. Já deveríamos ter entendido que qualquer tentativa de eliminar substâncias psicoativas das relações sociais estaria fadada ao fracasso.

Mesmo assim, escolhemos banir algumas drogas a partir do começo do século 20 e inventar uma guerra a partir dos anos 1970. Montanhas de

dinheiro público investido e toneladas de drogas apreendidas depois, não eliminamos nenhuma delas, não diminuímos o consumo e ainda geramos violência e mortes com facções criminosas do narcotráfico. Para piorar a situação, aumentamos a potência das substâncias, segundo a chamada "Iron Law of Prohibition" (ou lei férrea da proibição, em tradução livre). A criminalização eleva o risco do mercado, o que estimula a comercialização de formas de apresentação mais concentradas e potentes das drogas, que ocupam menos espaço em armazenamento e transporte, além de serem vendidas por preços mais altos.

Pesquisas mostram esse efeito durante a Lei Seca, com alta no consumo de destilados em relação a fermentados, na transição do ópio para a heroína e no surgimento de variedades mais potentes de maconha. A humanidade já está há muito século inserida numa alienação coletiva e, pelo visto, por muitos anos ainda vamos para brincar as drogas pela sua vitória nessa guerra insana.

Olho vivo

Ana Cristina Rosa

Entre muitas outras coisas, os atos golpistas do 8 de janeiro serviram para atestar o poder e a eficácia das imagens na defesa de direitos e garantias constitucionais.

Travessões de "cidadãos do bem", os vândalos que dilapidaram o patrimônio público na praça dos Três Poderes, em Brasília, num ato de insubordinação ou de idiotice produziram provas contra si incluídas no inquérito da Polícia Federal. Afinal, no século 21, até os tolos sabem que é praticamente impossível passar despercebido por aparelhos que captam imagens.

Então, o mínimo, "estranho" que o governador do Estado mais rico do país se posicione contra o uso de câmeras nas fardas dos policiais sob a alegação de que não oferecem segurança aos cidadãos — contrariando a lógica e os dados, que apontam queda de 76% no número de civis mortos em operações policiais de 2019 a 2023.

O objetivo do uso de câmeras nos uniformes é documentar a ação policial para eventual responsabilização dos agentes em caso de violência excessiva. Além disso, protege os policiais de eventuais acusações infundadas. Mas o orçamento desse programa em São Paulo sofreu cortes de 37% em 2023. E, não por acaso, as mortes causadas por PMs em serviço subiram 24% (dados do Ministério Público de SP).

Sobre o perfil das vítimas, num Estado onde 42% da população é negra, 63,9% dos mortos por agentes de segurança em 2022 eram pretos ou pardos, segundo o boletim "The Abuse" (a bola não era o negro), da Rede de Observatórios.

Serena passou o governo federal, anunciou que pretende publicar em fevereiro diretrizes nacionais sobre o uso de câmeras em uniformes de policiais. A ideia é padronizar procedimentos para que se possa compartilhar informações. Tomara que a iniciativa sirva também para sepultar o PL (606/2023) que tramita na Câmara dos Deputados para desobrigar PMs do uso de câmeras nas fardas. Agentes públicos não deveriam refutar políticas públicas eficazes.

A história em três caracteres

Ruy Castro

Hoje é o dia 8/1. Todos os leitores sabem o que significa. Em três caracteres, voltamos às cenas do 8 de janeiro de 2023, quando os bolsonaristas invadiram as sedes dos três Poderes em Brasília e botaram literalmente para queimar. Era a "Festa da Selma", um código para a baderna que, supunha-se, faria as Forças Armadas intervir para eternizar Bolsonaro no poder. É uma data que entrou para a nossa história, mas por pouco com outro sentido. Se Lula, recém-empossado, tivesse transferido aos militares o controle da capital, o 8/1 teria se convertido num novo 1º de abril — o de 1964, data que se arcaizou por 62 anos.

Equivalente nos EUA ao 1/6, o 6 de janeiro de 2022, quando os zumbis de Donald Trump tomaram o Capitólio para tentar mudar a eleição que ele perdera. Lá também a imprensa usou três caracteres para se referir ao assunto. Na verdade, foram os jornais americanos que consagraram o uso das datas históricas, que permitem ganhar espaço nos

títulos e manchetes e preenchê-lo com mais informação. No rádio, na televisão e na vida real, não se fala 8/1, claro, mas 8 de janeiro mesmo. A simples data já diz tudo.

Cada país tem datas que concentram uma saga. Para os franceses, é o 14 de julho, a Queda da Bastilha, em 1789. Para os portugueses, o 25 de abril, a Revolução dos Cravos, em 1974. Para os americanos, era principalmente o 4 de julho, sua Independência, em 1776. Mas agora, além do 6 de janeiro, eles têm também o 6/1, o 1 de Setembro, do ataque às torres gêmeas de Nova York, em 2001.

Para o Brasil, o 7 de Setembro sempre foi o sagrado Dia da Independência. Mas, de há alguns anos, Donald Trump tomaram o Capitólio para tentar mudar a eleição que ele perdera. Lá também a imprensa usou três caracteres para se referir ao assunto. Na verdade, foram os jornais americanos que consagraram o uso das datas históricas, que permitem ganhar espaço nos

títulos e manchetes e preenchê-lo com mais informação. No rádio, na televisão e na vida real, não se fala 8/1, claro, mas 8 de janeiro mesmo. A simples data já diz tudo.

Cada país tem datas que concentram uma saga. Para os franceses, é o 14 de julho, a Queda da Bastilha, em 1789. Para os portugueses, o 25 de abril, a Revolução dos Cravos, em 1974. Para os americanos, era principalmente o 4 de julho, sua Independência, em 1776. Mas agora, além do 6 de janeiro, eles têm também o 6/1, o 1 de Setembro, do ataque às torres gêmeas de Nova York, em 2001.

Para o Brasil, o 7 de Setembro sempre foi o sagrado Dia da Independência. Mas, de há alguns anos, Donald Trump tomaram o Capitólio para tentar mudar a eleição que ele perdera. Lá também a imprensa usou três caracteres para se referir ao assunto. Na verdade, foram os jornais americanos que consagraram o uso das datas históricas, que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos

que permitem ganhar espaço nos